

## ATUAÇÃO DO PROFESSOR DE PSICOLOGIA EM FOCO: RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Pollyane Lisita Silva  
Elilany Elias Silva  
Janaína Cassiano Silva  
Maurício Campos

(Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão – UFG/RC – Catalão – GO)

### Resumo

O presente trabalho descreve a prática de estágio de licenciatura em Psicologia realizada com alunos do segundo ano do ensino fundamental em uma escola municipal situada em uma região periférica de uma cidade do sudeste goiano. Embora a temática trabalhada seja referente à preservação ambiental, foi possível tangenciar vários temas pertinentes à Psicologia, especificamente no encontro com a Educação, o que reafirma a contribuição do licenciado neste saber e, no acompanhamento, observação da turma, bem como nas três regências realizadas. O licenciado em Psicologia encontra por vezes dificuldades em diferenciar sua prática daquela do profissional de Psicologia Escolar, assim, buscou-se discutir uma prática contextualizada, utilizando-se para isso a referida atuação em licenciatura e suscitando questionamentos pertinentes à mesma.

**Palavras-chave:** Professor de Psicologia. Psicologia e Educação. Ensino Fundamental.

### Abstract

#### Psychology Teacher Performance in Focus: Experience Report in Elementary Education

This paper describes the practice of stage in degree in psychology conducted with students of the second year of elementary school in a municipal school located in a peripheral region of a city of Goiás southeast. Although the theme worked is related to environmental preservation, it was possible tangent various topics relevant to psychology, specifically the meeting with Education, which reaffirms the contribution of licensed at this knowledge and in monitoring, observation of the class, as well as the three made regencies. The licensed sometimes encounters difficulties in differentiating his practice from that of the professional of School Psychology, thus, it was sought to discuss a contextualized practice, using for that the said performance in degree and raising questions pertinent to it.

**Keywords:** Professor of Psychology. Psychology and Education. Elementary School.

### Introdução

As disciplinas Estágio Curricular  
Obrigatório: Formação do Professor de

Psicologia I e II possibilitaram o contato direto dos alunos de Psicologia com a Instituição Escolar, a fim de agregar conhecimentos adquiridos nas disciplinas de núcleo específico cursadas anteriormente à prática observada em uma escola municipal situada em uma região periférica de uma cidade do sudeste goiano. Nas supervisões durante o primeiro semestre, além do relato e discussão das observações em campo, houve também exposições e diálogos de textos teóricos que contribuíram para o direcionamento da prática e sua reflexão a partir destes, pois para pensar a Psicologia na escola devemos pensar também as práticas escolares já semeadas, compreendê-las de forma histórica e política, atentos à macropolítica instituída aos fazeres da Educação (Rocha, 2012).

Já no segundo módulo do estágio, foi possível realizar três regências acerca da temática transversal sobre o meio ambiente, buscando incentivar coletivamente a preservação ambiental para crianças do 2º ano do ensino fundamental. Para Gallo (2002) toda ação educativa deve evidenciar um valor coletivo sem anular a unidade de cada subjetividade. Dessa maneira, todo o processo desde a definição do tema, planejamento da aula e manejo dos alunos foi fundamentado nas observações realizadas e na interação com os estudantes

e com a professora, para um estabelecimento mínimo de vínculo e identificação da demanda daquele grupo específico.

Dar relevo às queixas deste cotidiano específico e perceber a realidade sensível que afeta os corpos é deslocar-se para um campo de desafios que implica em uma intervenção baseada na perspectiva de micropolíticas. Acessar as micropolíticas é “[...] colocar uma lupa nas relações, nos modos de funcionamento, nas implicações entre as pessoas e destas com o trabalho que realizam” (Rocha, 2011, p. 212). Sair do próprio lugar para vivenciar a experiência diária na escola é também parte da prática pedagógica, pois, o trabalho se constrói a partir do que nos toca. Esta flexibilidade para realização da prática embasa-se na perspectiva dos temas transversais que apresentam ao currículo uma dimensão social e contemporânea ao discutir temas atuais sem que se tenha que alterar as disciplinas clássicas (Brasil, 1997).

Para Gallo (2001), os temas transversais atravessam vertical e horizontalmente as disciplinas e tornam-se eixo de significação do processo educativo, possibilitam também a construção de uma educação rizomática:

Uma educação rizomática, por sua vez, abre-se para a multiplicidade, para uma

realidade fragmentada e múltipla, sem a necessidade mítica de recuperar uma ligação, uma unidade perdida. Os campos dos saberes são tomados como absolutamente abertos, com horizontes, mas sem fronteiras, permitindo trânsitos inusitados e insuspeitados (Gallo, 2001, p. 24).

Pensar o conhecimento como interconexões de saberes possibilita que a prática do professor de Psicologia se concretize, já que a Psicologia não se encontra como disciplina no currículo escolar. Dessa maneira, as atividades advindas de um relato de prática profissional aqui descrita acendem para a importância do ensino de Psicologia e, almejam contribuir para maior visibilidade quanto à necessidade da presença do professor de Psicologia nas escolas brasileiras, refletindo também sobre uma melhor contextualização da práxis, pois sua atuação deve prezar por uma compreensão da escola como produtora e produto das relações histórico-culturais (Rocha, 2011).

Acredita-se que a experiência adquirida durante as atividades possa contribuir para maior visibilidade quanto à necessidade do professor de Psicologia também no ensino fundamental no cenário brasileiro contemporâneo. Assim, este relato de prática profissional tem como

objetivo não apenas narrar os principais fatos e observações ocorridos no período de sua execução, mas, sobretudo destacar pontos para problematizações que levem a uma práxis melhor contextualizada. Desta forma, após fundamentar teoricamente, será apresentado o estágio de Licenciatura em Psicologia, a metodologia utilizada para a execução do trabalho, bem como as atividades realizadas.

### *Psicologia e educação: atuação do professor de psicologia*

Dayrell (1996) adverte que não obstante conviverem em um mesmo território por um período do dia durante todo o ano letivo ou mais, a heterogeneidade dos sujeitos faz com que cada um atribua diferentes significados à escola, logo, sua forma de interação e a apropriação deste espaço serão singulares, na medida em que reflete a construção histórica, social, cultural e inclusive espiritual de cada um. Portanto, embora a estrutura física da escola e as normas estabelecidas e transmitidas há várias gerações buscando uma homogeneidade dos estudantes e da prática de ensino estejam muito presentes ainda hoje, não é difícil notar que “[...] o tratamento uniforme dado pela escola só vem consagrar a desigualdade e as injustiças das origens sociais dos alunos” (Dayrell, 1996, p.140).

Em se tratando de uma escola pública situada em local periférico da cidade, foi possível constatar nas falas da coordenadora, professora e até mesmo de alguns alunos com os quais se obteve contato durante o período do estágio, que o local se refere a uma região já popularmente rotulada como um bairro perigoso. A uniformidade deste tratamento passa por concepções acerca do tráfico de drogas, da violência doméstica, violência entre gangues e demais questões imbricadas no estereótipo deste grupo da população.

As reformas educacionais pelas quais passaram a escola pública brasileira notadamente vêm almejando a contextualização do ensino, inserção de temas transdisciplinares, bem como o acesso destes a todas as crianças e jovens em idade escolar. Neste sentido, a atuação do professor de Psicologia pode preencher a lacuna da articulação destes temas com a realidade dos alunos, uma vez que é um profissional que tem formação concisa nas questões acerca da diversidade e do relacionamento interpessoal, o que possibilita melhor visão crítica do cotidiano escolar e abertura à problematizações destas questões que por vezes podem ser negligenciadas em sala de aula por faltar aos demais licenciados justamente esta formação. Sobretudo, não se trata de trazer solução para os problemas, mas sim

contribuir para a discussão de assuntos que poderão possibilitar a apropriação do conhecimento científico a favor da realidade concreta (Conselho Federal de Psicologia, 2013).

O professor de Psicologia estará cumprindo com seu papel de educador ao passo que “[...] imergir a fundo nas questões educacionais, problematizando e refletindo sobre tais questões, não as isolando da realidade em que estão inseridas e, buscando dentro dessa mesma realidade condições que contribuam de modo eficaz, para a resolução de tais questões” (Sadalla, Bacchiegga, Pina & Winisvesky, 2002, p.64). Torna-se necessário novas práticas frente às velhas condições de trabalho, inferindo a favor de outros possíveis que não reproduzam apenas a teoria dos grandes manuais, mas que perceba a variabilidade das relações cotidianas.

Em um breve apanhado histórico, Soligo (2010) aponta os principais marcos do trajeto da constituição da Psicologia como disciplina no ensino médio, a qual teve seu início em 1850 no Colégio Pedro II no Rio de Janeiro, no currículo de ensino secundário. Posteriormente, em 1890 também passou a fazer parte dos currículos das Escolas Normais, de formação de professores. Apenas em 1942 a disciplina de Psicologia foi integrada ao currículo do Ensino Médio Regular, consequência da

Reforma Capanema. Contudo, em 1961 iniciou-se seu declínio, ao ser considerada com disciplina optativa, e, em 1971 com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, conhecida por LDB da Ditadura foi retirada juntamente com a Filosofia e Sociologia dos currículos do ensino médio.

Decorrido este período, como resultado da reforma educacional proposta em 1996, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a disciplina de Psicologia não mais integra o currículo de disciplinas obrigatórias, por esse motivo se constrói no interior de outras áreas do conhecimento, tais como os conteúdos transversais, nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, onde permanece. A reforma educacional apesar do discurso aparentemente progressista implicou no agravamento de vários problemas como a falta de vagas, aumento nos índices de reprovação e evasão escolar, retrato de um documento em que a crítica se repercute por uma ênfase ao mercado de trabalho (Kohatsu, 2010).

Mais de 20 anos depois, promulga-se a LDB de 1996. Mas por que demorou tanto tempo? De 1971 aos anos 80, tivemos um longo processo de ditadura e, a partir de meados dos anos 80, houve um processo de retomada do estado democrático. Uma das

consequências dessa retomada foi a Constituição de 1988 e posteriormente a LDB de 1996 (Soligo, 2010, p.9).

Com a reforma educacional o professor de Psicologia perde espaço, no entanto, torna-se mais comum a presença do profissional de Psicologia Escolar, que se difere, grosso modo, do professor de Psicologia, pois o psicólogo escolar atua realizando

[...] intervenções no espaço escolar ou a ele relacionado, tendo como foco o fenômeno psicológico, fundamentada em saberes produzidos, não só, mas principalmente, pela sub-área da psicologia, a psicologia da educação (Antunes, 2008, p.470).

Antunes (2008) entende que a prática do psicólogo escolar define-se pelo seu âmbito de ação, isto é, o processo de escolarização, tendo por objetivo a escola e as relações ali construídas. Assim, a prática do psicólogo escolar não deve se restringir a intervenção clínica, ou ainda, ser vista apenas pela utilização dos testes e interpretação de seus resultados, que por vezes atribui ao aluno à determinação de suas dificuldades escolares, desconsiderando as questões pedagógicas e sociais diretamente imbricadas. Esta prática de rotulações aplicada pelo

psicólogo clínico na escola, por vezes, é duramente criticada, pois o enquadramento clínico-terapêutico mostra-se baseado num modelo médico, que tende a patologizar e individualizar o processo educativo, distanciando-se da compreensão afetiva dos determinantes desse processo.

O papel do psicólogo escolar está para além do consultório, realiza-se possibilitando um projeto educacional que vise coletivizar práticas de formação e de qualidade para todos; que lute pela valorização do trabalho do professor e constitua relações escolares democráticas, que enfrente os processos de medicalização, patologização e judicialização da vida de educadores e estudantes; que batalhe por políticas públicas que possibilitem o desenvolvimento de todos, trabalhando na direção da superação dos processos de exclusão e estigmatização social (Conselho Federal de Psicologia, 2013). Assim como o professor de Psicologia, o psicólogo escolar deve atuar em conformidade com o contexto social em que está inserido, levando em conta a coletividade escolar, pensando sempre o sujeito entrelaçado em suas relações e em sua comunidade, potencializando diálogos e evitando falas que intensificam as produções de falta nos territórios em que nos encontramos e colabora para a construção do fracasso escolar, já tão conhecido:

[...] falta de formação do professor, falta de interesse da família, falta de atenção do estudante, falta de uma infraestrutura que ofereça condições para o desenvolvimento de práticas que promovam a apropriação do conhecimento, transformados em dados e escores, servem para contabilizar o fracasso escolar, ora centrado na criança, ora na equipe educadora, incluindo os especialistas (Conselho Federal de Psicologia, 2013, p. 43).

É importante salientar que o trabalho do psicólogo escolar não está pautado apenas na resolução dos problemas, no que foge às expectativas e à ordem vigente, apresentando respostas bem sucedidas, mas sim, contribuir para manter em exercício redes de atenção à vida, redes que foquem as potencialidades dos indivíduos (Conselho Federal de Psicologia, 2013). No entanto, o psicólogo na escola é visto como desbloqueador de funções cognitivas e comportamentos que impedem o aluno de aprender e agir como o esperado por uma instituição normativa. O desafio então está no compromisso de não reduzir os problemas de escolarização em fenômenos naturalizados por diagnósticos, encaminhamentos e laudos, com o objetivo de dedicar-se ao enfrentamento dessas

questões compreendendo as dificuldades no processo de escolarização na companhia dos atores que as constituem (Angelucci, 2007).

A troca de informação e a discussão envolvendo os problemas no processo de escolarização abrem portas para uma ação institucional que possa desconstruir saberes estabelecidos e criar novas possibilidades para lidar com o cotidiano escolar (Machado, 2007). Para isso, é indispensável a participação dos membros da comunidade escolar e da comunidade externa para se pensar o Projeto Político Pedagógico da instituição, adequando-o à realidade vivida. O alunado também deve ser membro desta reflexão, já que são os mais afetados pelos resultados do que é determinado, além de propiciar autonomia para os mesmos, que se sentindo comprometidos com processo educacional envolvem-se cada vez mais nas ações escolares. Para o Conselho Federal de Psicologia (2013, p.31), “[...] a construção de um projeto político-pedagógico emancipador com a comunidade e todos os profissionais da escola é um desafio do trabalho que se inicia pela construção de um campo de escolhas compartilhado”.

Propor a retomada do direito a fala, ao pensamento e a participação, contribui para uma articulação estreita entre a vida pública e a construção de subjetividade. Trata-se de favorecer uma situação

horizontal de comunicação, que respeite os diferentes saberes e experiências, comprometendo-se com a ruptura dos constantes processos de hierarquização. Para que haja uma situação horizontal de comunicação é necessária uma produção coletiva de novos espaços e tempos, onde os professores possam compartilhar conhecimentos e os alunos possam ser ouvidos, resgatando uma dimensão política que dificulta a produção do fracasso escolar. A rotina deve dar lugar à imprevisibilidade, acolhendo o que não está dentro das expectativas, o inusitado deve ser constituído/instituído entre os saberes e experiências que emergem no curso da ação, porque, formar não é moldar o informe (Conselho Federal de Psicologia, 2013).

Diante da não obrigatoriedade da disciplina de Psicologia no ensino médio a partir dos anos 90, o reconhecimento do licenciado nesta área e, conseqüentemente a oferta deste curso nas universidades têm diminuído ano após ano e pouco se tem discutido sobre o assunto (Kohatsu, 2010). As produções científicas em sua grande maioria trata-se do ensino de Psicologia para a formação em variadas licenciaturas, entretanto, sobre a prática deste saber ao docente de psicologia atualmente é escassa (Kohatsu, 2010). Logo, a somatória destes fatores vem silenciando cada vez mais esse

profissional, o qual tenderá a cair no esquecimento e atestar por fim a dispensação de sua prática. Na contramão deste fluxo, os Conselhos de Psicologia têm defendido a reinserção do professor de Psicologia no ensino médio e também sua ampliação ao ensino fundamental (Soligo, 2010).

Após essa breve reflexão acerca da atuação do Psicólogo na escola será apresentado o relato de experiência do estágio de Licenciatura em Psicologia realizado no 2º ano do ensino fundamental de uma escola municipal de um município do sudeste goiano. Inicialmente, detalhar-se-á o estágio, a metodologia adotada e, posteriormente serão apresentadas as atividades/regências desenvolvidas no ensino fundamental.

#### *Conhecendo o campo de estágio de licenciatura em psicologia*

O Estágio de Licenciatura em Psicologia é composto por dois momentos, no primeiro é realizado o contato com a escola, observações da rotina escolar, análise documental - Projeto Político Pedagógico - (PPP) e, entrevista com o professor da sala na qual serão realizadas as regências. No segundo momento, após estudos teóricos e a análise realizada anteriormente, são desenvolvidas as

regências em sala de aula. Vale destacar que todas as atividades são registradas em diários de campo que serviram para posteriores discussões acerca da articulação entre teoria e prática, superando uma possível dicotomia, já que a primeira é necessária para orientar o trabalho de um professor prático-reflexivo que supere este embate por meio da reflexão sobre a prática e sobre a realidade onde esta prática é executada, utilizando para isso uma base teórica definida (Azzi & Sadalla, 2002).

Cabe ressaltar que foram realizadas observações participantes (Lüdke, 1986), combinando-se simultaneamente a análise documental do PPP da respectiva escola e também provas, simulados e atividades executadas pelos alunos do 2º ano; entrevista semiestruturada com o professor da referida turma, além de conversas com demais membros da comunidade escolar com o intuito de obter informações acerca daquele contexto.

As observações do ambiente escolar, especificamente da turma do 2º ano, possibilitou conhecer um pouco das relações estabelecidas, os manejos utilizados na resolução de conflitos, a rotina das atividades e alguns imprevistos no decorrer deste período. A percepção destes aspectos é fundamental para compreender a escola como espaço sócio-cultural que contemple a diversidade (Rocha, 2011), e,



só a partir disso definir a temática das aulas a serem ministradas e como estas deverão ser conduzidas, com a principal preocupação de executar um trabalho que faça sentido àquele grupo e de forma integrada à proposta escolar.

O estágio foi realizado em dupla em uma escola municipal de um município do sudeste goiano. As primeiras visitas tiveram como objetivo o contato inicial com a escola, visando conhecer suas instalações, a rotina de horários, a separação das turmas, observar como se dá a entrada e saída dos alunos, conversar com alguns estudantes e funcionários buscando compreender o contexto geral da escola e formas de se integrar à ele. Na primeira visita foi realizado o contato com a coordenadora e com a diretora para apresentar-lhes o Plano de Estágio e o cronograma das visitas a serem realizadas.

No total foram feitas oito visitas de quatro horas cada no primeiro semestre do ano letivo. As duas primeiras visaram à observação do cotidiano da escola, posteriormente, foram realizadas cinco observações especificamente no 2º ano do ensino fundamental e uma visita foi destinada ao Estudo do PPP, já que a instituição não disponibilizou o documento para ser analisado fora de suas dependências. A entrevista com o professor do 2º ano foi feita durante o intervalo do

recreio na penúltima visita. A escolha por esta turma se deu pela própria escola em resposta à solicitação de campo de estágio feita pela Universidade.

Sempre ao final de cada visita e também das regências foi escrito um diário de campo com o registro dos principais acontecimentos, bem como as impressões e inferências do observador. De acordo com Pellisari (1998, p.01) o diário de campo, individual e pessoal “[...] retrata o que se olha, como se olha e o que faz (ou poderá fazer) como o que está olhando”. Desta forma, o diário de campo foi de grande auxílio nas reuniões de supervisão para orientar as práticas seguintes e também na redação deste presente trabalho.

Ao fim das atividades de observação e discussões teóricas acerca do campo, foi possível definir o tema a ser trabalhado durante as regências. A escolha foi pautada nas demandas do próprio grupo de alunos, que embora aparentassem ter certo conhecimento sobre preservação ambiental, com ênfase no tratamento do lixo, mostrava-se bastante descompromissado com a limpeza da sala e com a cooperação entre si. Por ser este um tema que poderia ser ampliado para promover o sentimento de coletividade diante de uma necessidade comum e, também por fazer parte das indicações de temas transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais,

percebeu-se uma condição favorável para unir um aspecto essencialmente psicológico (as relações interpessoais) com outro aspecto central da docência (os temas transversais), fazendo consistente a atuação do professor em Psicologia.

A seguir apresentar-se-á as atividades desenvolvidas no estágio realizado com alunos do 2º ano do ensino fundamental em uma escola municipal de um município do sudeste goiano.

#### *O estágio de licenciatura em psicologia no ensino fundamental*

As observações foram realizadas unicamente na turma de 2º ano do ensino fundamental. Nesta sala todas as disciplinas são ministradas pela mesma professora, que utilizou como metodologia, durante as visitas, aulas expositivas. Apenas a aula de Educação Física é realizada por outro professor, geralmente na quadra coberta de esportes, na própria instituição. Havia 25 alunos matriculados nessa turma, destes, a maioria do sexo masculino e com idades entre 7 e 8 anos. Porém, um elevado índice de absenteísmos impediu que em alguma observação o alunado estivesse completo. Nem todos os estudantes estão alfabetizados, no entanto, percebe-se a dificuldade da professora em atender a cada um individualmente devido à demanda dos

demais, especialmente quando finalizam suas atividades e ficam com tempo ocioso até que todos possam concluir. Neste caso, indubitavelmente o contraturno seria essencial para apoiar as crianças que não estão acompanhando o ritmo das aulas em sala, todavia, segundo a professora, este trabalho não tem sido feito em decorrência do rearranjo das atividades dos professores e o tempo indisponível para este fim.

Em geral, nota-se uma considerável diversidade econômica entre os alunos, a qual se destaca pelas roupas e os materiais escolares que utilizam, pois nem todos vão uniformizados, embora a vestimenta tenha sido distribuída pelo Governo Municipal. Assim, na mesma sala há crianças que vestem roupas e calçados novos e possuem mochilas e cadernos com personagens infantis dos desenhos animados que estão no auge da mídia, enquanto outros vestem uniformes ou uma roupa mais simples, calçam chinelos e guardam seus objetos nas mochilas cedidas pelo governo municipal. Este é um claro exemplo de como se faz necessário considerar a bagagem cultural, econômica e social de cada aluno e ampliar a compreensão da escola como um espaço sócio-cultural conforme adverte Dayrell (1996).

Com relação à rotina diária, a aula começa sempre com uma oração cristã que remete à religião católica, tratando-se de

uma escola pública, esse costume está em desacordo com os princípios laicos que deveriam nortear a prática escolar. A disposição dos alunos em fila para movimentarem-se no ambiente da escola como entrar e sair da sala, receber os lanches na cantina e ir para a aula de Educação Física é um método tradicional diariamente utilizado pela professora. Dentro da sala não há espaço que garanta distanciamento entre as carteiras, mesmo enfileiradas, elas ficam muito próximas, o que propicia a conversa paralela e dificulta a concentração, principalmente depois do recreio quando as crianças chegam eufóricas na sala.

Desta forma, as observações realizadas na escola e, mais precisamente em sala de aula, proporcionaram refletir com base nos conhecimentos teóricos acerca das discrepâncias existentes entre as normas formalmente estabelecidas e o manejo cotidiano no ambiente escolar, bem como as potencialidades e o empenho dos professores e também de alguns alunos para cumprirem seus papéis sem possuírem, muitas vezes, os recursos mínimos necessários para isso.

Foi também com base nas observações que se decidiu a temática e a metodologia a ser empregada nas regências. Estas aconteceram em sala com a presença da professora responsável pela classe. Os

alunos mostraram-se interessados, participaram de todas as atividades, sendo prestativos quando solicitados. As aulas foram marcadas pelo dinamismo da classe, a metodologia empregada diferiu-se da rotina do quadro negro, dos cadernos, e do enfileiramento, dando possibilidades de encontros e trocas de saberes. Estes momentos de interconexões são exemplos de uma educação rizomática, marcada pela construção em conjunto, onde a disciplinarização não impede o movimento dos corpos, as regras são construídas, e a coerção é deixada de lado (Gallo, 2001).

Esse contato com a sala de aula possibilitou vivenciar o saber da experiência, este saber se constrói na prática, e é validado pelo saber-fazer, e pelo saber-agir frente ao cotidiano da sala de aula, esse local apresenta uma diversidade de questões que perpassam as subjetividades, a cultura e a situação econômica do alunado (Sadalla, 2002). Apropriando-se de uma visão histórico-cultural, Sadalla (2002, p. 73) argumenta que “[...] é preciso olhar para o aluno localizando-o em suas condições materiais de vida, organizadas e influenciadas segundo características culturais do meio no qual está inserido, e no processo histórico do qual constitui e é constituído”.

Isso significa que os aspectos que compreendem os alunos devem ser

percebidos pelo professor, que na interação com a turma designará um caminho para o conhecimento que possa ser percorrido por todos, e, dessa maneira, moldará também sua prática, pois em um movimento dialético nutre-se dos saberes eruditos para relacioná-los com seu dia-a-dia na escola. Neste sentido, a desigualdade social presente oportunizou que a prática não se construísse de forma linear, exigindo um compromisso de aprendizado com cada criança. A educação tornou-se prioridade, e a diversidade regional não se configurou como barreira para as propostas e ações pedagógicas desenvolvidas, de acordo com o estabelecido no Projeto Político Pedagógico da instituição:

O PPP da Escola Municipal [...] assume internamente um compromisso com a conscientização, transformação socio-cultural da comunidade, concordando com o fato de que a educação é prioridade e que a diversidade regional não se configura como barreira para as propostas e ações pedagógicas inovadoras (Catalão, 2013, p.47).

Optou-se por construir um projeto no estágio com o objetivo de possibilitar a conscientização do alunado quanto à preservação do meio ambiente e a importância do mesmo para a saúde

humana, bem como apontar para o papel social do cidadão em comunidade, incentivando ainda o trabalho coletivo. Pois, segundo o PPP analisado, “[...] a escola compreende a educação como construção coletiva permanente, baseada nos princípios de convivência, solidariedade, justiça, respeito, valorização da vida na diversidade e na busca de conhecimento” (Catalão, 2013, p.19).

O projeto teve a duração de três encontros (aulas) semanais, estes tinham início às 13h e estendia-se até às 15h, quando então os alunos eram liberados para o recreio. Após este intervalo as aulas das disciplinas regulares eram retomadas pela professora da turma.

Tendo em vista a importância de maior integração entre os membros desta turma e sua responsabilização individual e coletiva na preservação do meio ambiente, a começar pela própria sala de aula e pequenas ações cotidianas, elaborou-se práticas condizentes com as realidades deles, valendo-se de seus conhecimentos prévios para possibilitar a ampliação e aplicação deles. Assim, o instrumento utilizado primeiramente para verificar esses conhecimentos foi o jogo da velha, com perguntas acerca da reciclagem do lixo e desenvolvimento sustentável, ou seja, utilizando-se de recurso lúdico apropriado à idade destas crianças foi possível despertar-

lhes o interesse pela participação e aprendizagem. Na sequência foi feita uma contação e re-contação de estória em roda, com base na leitura de um livro infantil que narrava a estória de um peixe morador de um rio poluído. Paulatinamente à abordagem do tema principal, foram feitos incentivos à participação e respeito à opinião dos colegas, minimizando-se os efeitos da competitividade no jogo da velha ao ressaltar a cooperação na construção do conhecimento e também na prática do que estava sendo aprendido por eles.

Na segunda aula, após breve retomada dos assuntos tratados na semana anterior, adotou-se como recurso didático uma sessão de cinema, com a exibição de um vídeo da Turma da Mônica em formato de desenho animado, o qual apresentava uma aventura em busca de inventar uma fórmula mágica capaz de despoluir o planeta. Contudo, diante da impossibilidade deste feito, despertava nos personagens a conscientização sobre a importância da contribuição de cada um para preservar a limpeza do meio ambiente, o que foi aproveitado para estender aos alunos esse mesmo comportamento, a começar pelo ambiente doméstico e o ambiente escolar, tão frequentado por eles. Além disso, foi possível discutir sobre a colaboração com os pais, irmãos, colegas e demais pessoas do convívio conjunto para desempenhar esse

tipo de tarefa, inclusive advertindo-os respeitosamente quando cometerem falhas prejudiciais ao meio ambiente. A fim de verificar a compreensão individual sobre a aula e os pontos de maior relevância para cada um, foi solicitado aos alunos que fizessem um desenho sobre o que mais gostaram no filme ou na discussão que participaram. Os desenhos em sua maioria foram bastante coloridos e retratavam cenas de coleta de lixo, paisagens naturais e da sala de aula limpas, demonstrando a predileção e a apreciação das crianças por este tipo de ambiente.

Após possibilitar a conscientização do alunado quanto à preservação do meio ambiente e a importância do mesmo para a saúde humana, bem como apontar para o papel social do cidadão em comunidade, introduzir conceitos básicos sobre preservação ambiental e indicar comportamentos de consciência sustentável por meio destes recursos didáticos, no terceiro encontro decidiu-se confeccionar em sala de aula um porta-lápis com materiais reutilizados. O objetivo primordial desta atividade foi materializar os conhecimentos adquiridos, apontando para possibilidades de reutilizações criativas de diferentes materiais descartados diariamente.

Na oportunidade, as carteiras foram dispostas em círculo para facilitar a

interação entre os alunos e a movimentação das estagiárias e da professora para auxiliá-los quando necessário, além do mais, as tintas disponibilizadas para o manuseio foram em menor quantidade, de forma que se fazia necessário o compartilhamento das mesmas entre todos, levando-os a comunicarem-se mais entre si e respeitar a vez de cada um. Durante esta atividade também foi possível verificar o cuidado dos alunos quanto à limpeza e organização da sala e notaram-se várias oportunidades em que eles procuravam limpar sua própria sujeira, descartar o lixo na lixeira em vez de jogar no chão e até mesmo oferecer-se para levar o lixo do colega para a lixeira ao levarem o seu.

A confecção do porta-lápis não apenas aplicou a reutilização, mas permitiu colocar em prática os conceitos de colaboração, respeito ao colega, compromisso ambiental e social, dentre outros aspectos subjetivos que saltam aos olhos do licenciado em Psicologia e que talvez passassem despercebidos aos demais licenciados. Claro que não se trata de juízo de valor, tampouco de desmerecimento aos outros profissionais, apenas, é indispensável ressaltar a gama de possibilidades abertas ao professor de Psicologia e ao tom atribuído por ele a essa temática em questão, que, obviamente poderia tomar diferentes outras amplitudes

caso fosse regida pelo professor de ciências ou geografia, por exemplo.

Enfim, os psicólogos educacionais “[...] de certa maneira, desenvolveram uma compreensão mais aprofundada da natureza da tarefa educacional, identificando uma grande complexidade e variedade dos elementos constitutivos da esfera educativa” (Sadalla, 2002, p. 71). Pois, a atuação deste profissional é firmada na capacidade de reflexão e criticidade dos conteúdos e de sua prática, visando sempre uma educação libertadora, que compreenda que a criança está aquém e além do que vemos (Rocha, 2011).

### **Considerações Finais**

Optar por fazer um curso de licenciatura em Psicologia é um desafio, visto que formalmente esse profissional não existe no ensino médio e nem na grade escolar desde os anos 90. Portanto, optar por esta licenciatura com atuação nos primeiros anos do ensino fundamental pode ser tomado como um desafio ainda maior. Entretanto, assumir este trabalho nos possibilitou um aprendizado para além do convencional, trouxe-nos o saber da experiência, e com isso foi possível ampliar o olhar sobre o desempenho da função do professor de Psicologia também para crianças pequenas e não somente aos jovens

e adolescentes às vésperas do ingresso à universidade.

O trabalho do psicólogo escolar, embora ainda traga consigo o ranço das avaliações para segregação entre bons e maus alunos é mais conhecido no ambiente da escola. Esta, por vezes clama por atendimento clínico aos alunos e emissão de laudos que justifiquem a dificuldade de aprendizado e consequentemente (des)responsabilize o educador de maior dedicação e inovação de sua prática. Claro, considerando que este educador refere-se àquele professor desvalorizado, desmotivado, mal remunerado, muitas vezes acometido por Síndrome de Burnout e mais uma série de outros adjetivos indesejáveis que preencheriam várias laudas e cuja problematização renderia outros tantos artigos. Não obstante, o psicólogo escolar tem conseguido delimitar melhor seu campo de atuação e destacar a importância de sua prática.

Já o mesmo não ocorre com o professor licenciado em Psicologia, o qual não tem seu reconhecimento profissional e nem tem ao certo instituído o fazer de sua prática, ou seja, enquanto, por exemplo, cabe ao licenciado em Matemática o ensino da disciplina de Matemática, ao licenciado em Geografia o ensino de Geografia, etc. o

que caberia ao licenciado em Psicologia? Esta pergunta pode ter como resposta os temas transversais estabelecidos nos Parâmetros Curriculares Nacionais, os quais, teoricamente deveriam ser incluídos no decurso de todas as disciplinas tradicionais. No entanto, garante-se que a formação em Psicologia possa capacitar o professor não apenas para trabalhar o tema proposto de acordo com os parâmetros já pré-definidos, mas fazer isso de forma a obter melhor aproveitamento por parte dos alunos por considerar prioritariamente a dinâmica daquele grupo em questão e, a partir do tema principal chegar às subjetividades as quais darão o tom da atividade. Tal qual pôde ser constatada no decorrer deste trabalho, que, ao definir como assunto principal a preservação do meio ambiente, possibilitou abarcar também a cooperação, o preconceito, a frustração diante da competitividade, dentre outros.

Sendo assim, considera-se a necessidade de maiores divulgações científicas dos trabalhos executados pelos professores em Psicologia para que ganhem notoriedade e possam delinear essa prática, que muito tem a contribuir no cenário das escolas brasileiras.

## Referências

- Angelucci, C. B. (2007). Por uma clínica da queixa escolar que não reproduza a lógica patologizante. Em B. de P. Souza (Org.). *Orientação à Queixa Escolar* (pp. 353-378). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Antunes, M. A. M. (2008). Psicologia Escolar e Educacional: histórias compromissos e perspectivas. *Psicol. Esc. Educ.* São Paulo, 12(12), p.469-475.  
<https://doi.org/10.1590/S1413-85572008000200020>
- Azzi, R. G & Sadalla, M. F de A. (Orgs.) (2002). *Psicologia e formação docente: desafios e conversas*. São Paulo: Casa do psicólogo.
- Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica (1997). *Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais, ética / Secretaria de Educação Fundamental*. Brasília: MEC/SEF.
- Catalão. Secretaria Municipal de Educação (2013). *Projeto Político Pedagógico*. Catalão, (mimeo).
- Conselho Federal de Psicologia (2013). *Referências técnicas para Atuação de Psicólogos(os) na Educação Básica*. Brasília, DF.
- Dayrell, J. (1996). A escola como espaço socio-cultural. Em Dayrell, J. *Múltiplos olhares sobre educação e cultura* (pp. 137-161). Belo Horizonte: UFMG.
- Gallo, S. (2002). Em torno de uma Educação Menor. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, 27(2).
- Gallo, S. (2001). *Transversalidade e Meio Ambiente* (pp.15-26). Ciclo de Palestras sobre Meio Ambiente – Programa Conheça a Educação do Cibec/Inep-MEC/SEF/COEA. São Paulo. Disponível em: < <http://download.inep.gov.br/download/cibec/pce/2001/15-26.pdf>>.



- Kohatsu, L. N. (2010). A reinserção da disciplina de psicologia no Ensino Médio: as especificidades da psicologia e os desafios do atual contexto educacional. *Revista Psicologia: Ensaio e Formação*. São Paulo, 1, p.53-66.
- Ludke, M (Org.) (2001). *O professor e a pesquisa*. Campinas,SP: Papirus.
- Machado, A. M. (2007). Plantão Institucional: um dispositivo criador. Em Machado, A. M.; Fernandes, A. & Rocha, M. L da. *Novos Possíveis no encontro da Psicologia com a Educação* (pp.117-143). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Pelissari, M. A. (1998). *O diário de Campo Como Instrumento de Registro*. S.I. (mimeo).
- Rocha, M. L. (2011). Desafios da Psicologia e Educação entre a macro e a micropolítica. Em Azzi, R. G.; Gianfaldoni, M. H. T. A. (Orgs.) *Psicologia e Educação* (pp.199-219). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Sadalla, A. M. de A.; Bacchiegga, F.; Pina. T. A. & Winisvesky, M. (2002). Psicologia, licenciatura e saberes docentes: Identidade, trajetórias e contribuições (pp.47-90). Em Azzi. R. G. & Sadalla, A. M. F. de A. *Psicologia e Formação Docente: desafios e conversas*. São Paulo: Casa do psicólogo.
- Soligo, A. (2010). Psicologia no Ensino Médio: reflexões em torno da formação. *Cadernos Temáticos*. Conselho Regional de Psicologia da 6ª Região, São Paulo, 9, s/p, 2010.  
Disponível em:  
<[http://www.crpsp.org.br/portal/comunicacao/cadernos\\_tematicos/9/frames/fr\\_psi\\_ensino\\_medio.aspx](http://www.crpsp.org.br/portal/comunicacao/cadernos_tematicos/9/frames/fr_psi_ensino_medio.aspx)>.

### Os autores:

**Pollyane Lisita Silva**, graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Especialista em Psicologia Hospitalar e da Saúde com atuação no Hospital Estadual de Urgências da Região Noroeste de Goiânia Governador Otávio Lage de Siqueira (HUGOL) pelo Programa de Residência Multiprofissional da Secretaria Estadual de Saúde de Goiás (SES GO). Servidora pública federal - Psicóloga Clínica e da Saúde - na UFG em atendimento aos servidores no Subsistema Integrado de Atenção à Saúde do Servidor (SIASS) da Regional Catalão. E-mail: [lihsita@yahoo.com.br](mailto:lihsita@yahoo.com.br)

**Elilany Elias Silva**, graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Goiás (2017). Atualmente é Residente da área de concentração Atenção ao Paciente em Estado Crítico, no programa de Residência Multiprofissional da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: [elilany@live.com](mailto:elilany@live.com)

**Janaína Cassiano Silva**, Doutora em Educação (UFSCar- 2013). Mestre em Educação Escolar (Unesp/Araraquara- 2008). Graduada em Psicologia (Bacharelado, Licenciatura e Formação de Psicólogo) pela Universidade Federal de Uberlândia (2005). Professora Adjunta, DE, no curso de Psicologia da Universidade Federal de Goiás- Regional Catalão e no Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGEDUC - UFG/ Regional Catalão. E-mail: [janacassianos@gmail.com](mailto:janacassianos@gmail.com)

**Maurício Campos**, graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (1999); Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (2005) e doutorado e Doutor em Educação pela Universidade Federal de Goiás (2014). Atua como professor Assistente II da Universidade Federal de Goiás - Campus de Catalão. E-mail: [mcampos1975@yahoo.com.br](mailto:mcampos1975@yahoo.com.br)

**Recebido em:** 10/02/2019.

**Aprovado em:** 20/06/2019.